

## João Calvino, o exegeta da Reforma

JOSÉ MANUEL LEITE

Pastor

Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal

Ao encerrar os inúmeros eventos que tiveram lugar durante as celebrações do 500.º aniversário do nascimento de João Calvino e tendo em conta o que acerca dele foi dito e escrito durante estes anos, pergunto-me se há algo de novo a dizer sobre esta figura cimeira da Reforma do século XVI, especialmente para alguém que está longe de se poder considerar um especialista na vida e obra de Calvino, o que é o meu caso. De qualquer modo, quero agradecer o convite e o desafio recebido e dizer-vos, desde já, que gostaria de vos transmitir algo do muito que aprendi ao estudar este assunto.

Além de algumas obras biográficas, das quais destaco a de Bernard Cottret, *Calvin, Biographie*, o meu conhecimento de Calvino estava muito centrado na leitura e estudo dessa obra, pela qual ele é mais conhecido, a *Instituição da Religião Cristã* e, confesso, não foi ela que me deu muito do que a seguir vou partilhar convosco. Foram, sobretudo, os seus *Comentários bíblicos*, os seus *Sermões* e as suas *Prelecções* (na Academia de Genebra) que me ajudaram a compreender o valor do trabalho exegetico de Calvino.

Para terminar esta pequena introdução, dir-vos-ei que o maior problema que tive de enfrentar foi o da limitação do tempo que me foi concedido, mas devo confessar que, não sendo a primeira vez que isto me acontece, é sempre um desafio muito útil no campo disciplinar e ajuda-me praticar um dos princípios – o da brevidade e clareza – que João Calvino aplicava na sua exegese, como mais adiante veremos.

---

### *A interpretação das Escrituras no tempo de Calvino*

---

No século XVI a exegese bíblica não era uma novidade! Não foram os grandes Reformadores, ou os seus precursores, que a inventaram!

JOSÉ MANUEL LEITE – João Calvino, o exegeta da Reforma

Muitos dos Pais e Doutores da Igreja a utilizaram e, dentre eles, destaco os nomes de Santo Agostinho e São João Crisóstomo pela influência que tiveram em Calvino. Mas não foram só estes. Calvino estava a par do que se passava no seu tempo no campo exegetico lendo muitos dos comentários e sermões que iam sendo publicados e seguindo de perto o aparecimento das várias traduções bíblicas que então começavam a surgir.

Com uma excelente preparação académica, conhecedor dos escritos dos pais latinos e da filosofia grega, dominando as línguas originais bíblicas e em constante diálogo com os pensadores de sua época, Calvino legou à Igreja um conjunto de obras que norteiam ainda hoje os princípios da fé reformada, excedendo em seriedade, profundidade e honestidade intelectual os seus predecessores directos e os seus sucessores. Não é exagero dizer que ele foi o maior pensador de seus dias e o grande exegeta da Reforma.

Ultrapassando a interpretação alegórica e espiritualista, muito em voga no seu tempo e em séculos anteriores, João Calvino, costumava dizer que “a fé nas Escrituras e a interpretação das mesmas caminham sempre juntas” e, nesse sentido, o exegeta deve aproximar-se do texto bíblico com reverência e humildade, estando disposto a aceitar alguns pressupostos e características que devem ser respeitados no exercício exegetico. Passo a enumerar alguns que o Reformador considera essenciais, não que ele os tenha enumerado de um modo sistemático, mas pelo que foi dizendo ao longo da sua obra e praticando enquanto pregador e comentarista. Assim:

***A suprema autoridade das Escrituras*** – Fiel ao princípio reformado da *Sola Scriptura*, Calvino dedica quatro capítulos das *Institutas* (I, 7-10) ao tema da autoridade da Bíblia afirmando que, em última análise, essa autoridade reside no facto de Deus nos falar directamente a partir do texto bíblico, pela acção do Espírito Santo (*Institutas*, I, 7.1). Na Bíblia, os crentes têm um encontro pessoal com Deus que os convence da verdade da mensagem nela contida.

***A necessidade de iluminação*** – A importância e necessidade do testemunho do Espírito Santo são essenciais para confirmarem, nos corações humanos, o valor e o crédito da Palavra: “*Illuminados, pois, pela virtude do Espírito Santo, já não cremos pelo nosso juízo, nem pelo de outros, que a Escritura procede de Deus mas sim, ultrapassando todo o entendimento humano, com toda a certeza concluímos que ela nos foi dada pela própria boca de Deus pelo ministério dos homens*” (*Institutas* I, 7,6).

**O objectivo da interpretação** – Se fosse perguntado qual a finalidade da exegese, estou certo que Calvino responderia: “Para Glória de Deus e edificação da Igreja!” A exegese deve produzir fruto e ser útil. Numa carta a um pastor de Orleães, dizia: “*Em todos os seus estudos, tome cuidado para não ficar meramente buscando entretenimento, mas trabalhe com o propósito de ser útil à igreja de Cristo*”. A exegese não pode ser alienada, mas envolve participação directa na vida e nas lutas da igreja.

**A Escritura é sua própria intérprete** – Esta era uma das expressões favoritas de Calvino. Ao aplicar este pressuposto, não devemos esquecer o enorme conhecimento bíblico que possuía e a sua memória privilegiada. Neste campo, observou as diferenças de estilo dos autores humanos e concluiu, por exemplo, que 2 Pedro não foi escrita pelo autor de 1 Pedro. Ele também reconheceu certas imprecisões em questões menores, como em Mt 23.35 (Zacarias, filho de Baraquias; 2Cr 24:20-22: filho de Joiada; ver Zc 1.1), Mt 27.9 (profeta Jeremias; devia ser Zacarias, ver Zc 11.12-13), Act 7.16 (Abraão; devia ser Jacó; ver Gn 23.16; Js 24.32). Praticando este princípio, ele põe em paralelo os textos menos claros da Escritura e interpreta-os à luz dos mais claros. Esta é a prática está muito generalizada em todos os seus escritos. A sua primeira opção é sempre conferir textos paralelos que tratam do mesmo assunto.

---

### *Princípios de interpretação das Escrituras*

---

Pelas referências que faz nos seus documentos e correspondência e, sobretudo, nas *Prelecções* na Academia genebrina (muitas vezes com mais de 800 alunos!),

Calvino mostra como estudou cuidadosamente os diferentes métodos de interpretação utilizados por Lutero, Melancton, Bucer, Zuínglio, Ecolampádio e outros. Como não nos deixou nenhum “Manual de Exegese”, penso que podemos deduzir, numa carta que escreveu a Simon Gryneus em 1539, como dedicatória do seu comentário da Epístola aos Romanos, as suas ideias, conselhos e princípios que devem orientar a tarefa do exegeta bíblico. É a enumeração de alguns desses princípios que apresento seguidamente:

**Brevidade e clareza** – O que vai fazer diferenciar a exegese de Calvino da que foi realizada pelos Pais e Doutores da Igreja ou pelos reformadores que o antecederam, ou foram mesmo seus contemporâ-

JOSÉ MANUEL LEITE – João Calvino, o exegeta da Reforma

neos, em particular os que estavam enraizados na cultura germânica, é a “brevidade e clareza” (*brevitas et facilitas*), isto é, a busca do sentido “primeiro, comum ou simples” do texto. Neste aspecto, Calvino nutria uma grande admiração pelo pregador e expositor bíblico do quarto século João Crisóstomo. Em seu entender a missão do exegeta é aclarar a intenção do autor bíblico, e não obscurecê-la com comentários prolixos, refutação de opiniões divergentes, etc. (como Bucer e Melancton). O objectivo maior é a edificação dos fiéis e da igreja e para que isto aconteça, a brevidade e a clareza são imprescindíveis. Quantos exegetas e pregadores dos nossos dias têm necessidade de praticar este princípio!...

**A intenção do autor** – Na carta já citada a Gryneus, Calvino diz que o maior dever do exegeta é tornar compreensível o sentido do autor do texto que está sendo estudado, defendendo que cada texto tem um, e somente um, sentido, que é aquele pretendido pelo autor humano. Este sentido pode ser percebido pela leitura simples da Escritura. A forma mais comum de entendermos o que pretendia dizer o autor sacro, é buscar no sentido literal da passagem. Por outro lado, ele esclarecia aos seus leitores que há passagens que são nitidamente figurativas e outras simbólicas, estas devem ser interpretadas segundo a intenção e as circunstâncias do seu autor. Ora isto envolvia a investigação da linguagem distintiva de cada autor e obrigava a um sólido conhecimento das línguas originais, bem como das circunstâncias históricas, geográficas e sociais do autor.

Calvino também dá muita importância ao estudo do contexto do qual o texto emana dado que muitos problemas exegéticos podem ser explicados quando o intérprete investiga o contexto de uma passagem. Calvino jamais desprezou ou minimizou a importância do estudo contínuo e cuidadoso das línguas originais. Ele era versado em grego, hebraico e aramaico, além de possuir total domínio do latim e do francês, pelo menos. Lendo as *Institutas* e os seus comentários dos livros de ambos os Testamentos, encontramos Calvino referindo-se, não apenas, às palavras na língua original em que o texto foi escrito, mas também descendo a detalhes como o significado da conjugação de um verbo ou do modo de um dado substantivo.

**Interpretação histórico-gramatical** - Como Lutero e outros reformadores, Calvino insistiu no sentido literal da Escritura como a única base adequada para a exegese. No seu comentário de Gálatas 4.21-26, ele afirma que introduzir sentidos múltiplos na Escritura (alegorias) é

um “artifício de Satanás”. Na introdução ao seu comentário de Romanos, ele adverte: “É uma audácia próxima do sacrilégio usar as Escrituras a nosso bel-prazer e jogá-las como uma bola de ténis, o que muitos já fizeram... A primeira tarefa do intérprete é deixar o autor dizer o que ele diz, ao invés de atribuir-lhe o que achamos que deveria dizer”. Esse princípio levava Calvino a ser muito cauteloso quanto às interpretações cristológicas do Antigo Testamento. Bons exemplos são seus comentários de Gn 3.15 (luta entre Satanás e a humanidade) e do Salmo 2 (referência a David). Ele entendia que as referências messiânicas nos Salmos não são, em geral, proféticas.

*Interpretação cristológica* – A interpretação cristológica da Escritura deve ser tanto histórica como teológica. Neste aspecto, Calvino rompeu com a interpretação espiritual do passado e até mesmo com a ideia de Lutero de ver “Cristo em toda a Escritura”. Para ele, Cristo era o cumprimento do Antigo Testamento e o tema do Novo Testamento, mas isso não significava que todo e qualquer versículo continha, necessariamente, alguma referência oculta a Ele. A abordagem de Calvino é ainda mais sutil ao dizer que o intérprete deve relacionar cada passagem da Escritura com Cristo, qualquer que seja o sentido primário da mesma.

*Apelo à tradição exegética da igreja* – Os reformadores opuseram-se à autoridade da tradição e da igreja, mas somente onde e quando essa autoridade usurpava a autoridade da Escritura. Calvino não teve outro igual a si no século XVI como expositor bíblico, nunca teve a ilusão de que poderia ignorar mil e quinhentos anos de tradição exegética e aproximar-se da Bíblia isento da influência do passado. Ele sempre valorizou de modo especial a interpretação bíblica da igreja antiga e, como acima disse, Crisóstomo e Agostinho, entre muitos outros, estavam sempre diante de si e foram citados vezes sem fim nos seus trabalhos.

*Utilização do conhecimento secular* – Calvino era um homem da Renascença, e teve uma rigorosa educação em humanidades. Conhecia os melhores métodos de análise filológica e literária disponíveis na sua época. Colocou sua erudição clássica a serviço da interpretação bíblica e da reflexão teológica. Ele assim se expressou nas Institutas: “Os homens que sorveram ou apenas provaram as artes liberais, com o seu auxílio penetram muito mais profundamente nos segredos da sabedoria divina” (I.5.2). “Se o Senhor quer que sejamos auxiliados pela fí-

JOSÉ MANUEL LEITE – João Calvino, o exegeta da Reforma

sica, dialéctica, matemática e outras disciplinas semelhantes, pela obra e ministério dos ímpios, utilizemos essa assistência” (II.2.16). O Espírito de Deus é a fonte de toda verdade e por isso não devemos desprezá-la, não importa onde e de onde surja. Portanto, não nos surpreende o uso que fez de todos os campos de estudo existentes na época: linguística latina, hebraica e grega, geografia, estudos clássicos, medicina e filosofia.

*A acção do Espírito Santo para a correcta interpretação da Bíblia* – para Calvino, a acção do Espírito em relação à Escritura desenvolve-se em três aspectos: a) em primeiro lugar, o Espírito Santo inspirou os autores sacros, colocando nos seus corações aquilo que teria de ficar registado para a posteridade e, principalmente, impedindo que ao registar tais verdades, fossem inseridas máculas ou desvios, provenientes da falibilidade do instrumento (o homem); b) em segundo lugar, o Espírito Santo preservou, e preserva através dos séculos, a pureza da sua Palavra para benefício e instrução da igreja, impedindo de forma miraculosa, que a verdade fosse distorcida ou omitida; c) em terceiro lugar, o Espírito Santo age hoje sobre os seus ministros, iluminando as suas mentes para que compreendam correctamente o significado e as várias aplicações dos textos, para a bênção e edificação do povo de Deus. Desta forma, é impossível, pensava Calvino, fazer adequada interpretação e pregação da Palavra, sem a dependência absoluta do Espírito Santo de Deus.

### *O triângulo exegético de Calvino*

Confessei-vos, no início, ter um conhecimento muito limitado de dois aspectos muito importantes da obra deste grande Reformador. Essa lacuna diz respeito, por um lado, aos seus *Comentários* e, por outro, aos seus *Sermões*. E eles seriam, com certeza o material mais adequado e valioso, para vos falar de Calvino como exegeta.

Dadas essas limitações fui-me socorrendo do material que tinha à mão e que melhor conhecia: as *Institutas*, os *Catecismos* e umas quantas *Cartas* dirigidas a Pastores e a outros Reformadores do seu tempo. E o que não pensava aconteceu, i.e., a riqueza do material exegético, a importância dada à exegese e os múltiplos conselhos dados sobre o modo como a exegese deve ser aplicada, ultrapassou tudo o que poderia esperar.

82

Desta experiência arrisco terminar com uma pequena, e talvez

*AS CONTINGÊNCIAS E AS INCIDÊNCIAS DO PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO*

pouco consistente tese a que chamo “O triângulo exegético de Calvino”. Gostaria que este triângulo fosse equilátero e que cada um dos seus lados tivesse um dos seguintes nomes: *Institutas – Comentários – Sermões*. A cada um destes nomes acrescento, pela mesma ordem, as seguintes palavras: *dogmática – exegese – pregação*.

O que proponho é simples e corresponde à minha visão do papel central que o problema da interpretação bíblica teve em Calvino. Este problema foi por ele resolvido durante a sua vida de três modos e em fases distintas mas interligadas. A exegese tem a primazia, é a base do triângulo, pois é com ela que a *Sola Scriptura* torna mais clara e compreensível a voz do Deus Único e Soberano; segue-se-lhe o segundo lado, a dogmática que funciona como a estrutura onde a exegese é interpretada e, finalmente, o terceiro lado para fechar e completar o triângulo, a pregação que é a aplicação da exegese e da dogmática na vida diária do crente como indivíduo e da Igreja como família e povo de Deus.

**Soli Deo Gloria**

